

Pampa e Educação Ambiental: possibilidades de um devir menor

Pampa y Educación Ambiental: posibilidades de un devenir menor

Pampas and Environmental Education: possibilities of a lesser becoming.

Juliana Corrêa Pereira Schlee¹

Paula Corrêa Henning²

Resumo

Neste trabalho buscamos a partir de inquietações potentes sobre a temática Educação Ambiental e Pampa pensar nas possibilidades múltiplas de um devir menor. Com este objetivo, nos munimos de leituras de autores potentes para o campo filosófico Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Friedrich Nietzsche, Sílvio Gallo e Ana Godoy. Primeiramente situamos o pampa e seus limites geográficos, sua história e cultura que constituem os modos de ser e de viver, assim como também discutimos o campo de saber da Educação Ambiental ao olhar para esse território. Após pretendemos pôr em movimento uma menor das ecologias, inspirada na obra de Ana Godoy (2008) ao olhar para a educação ambiental produzida no Pampa. Tramadas pela potência de intersecção entre Pampa e Educação Ambiental, nos atravessamentos culturais, políticos, éticos e estéticos, um caminho que traçamos experimentando paisagens, talvez outras, ou talvez apenas desapercibidas e desconhecidas, olhar para o pampa, para a natureza com devires menores, desterritorializando e deslocando. Como um ato político de olhar para as coisas ínfimas, para a história infame, para ecologia menor ou para mais e mais educações ambientais possíveis no pampa gaúcho.

Palavras-Chave: Ecologia menor; Educação Ambiental; Pampa.

Resumen

En este trabajo proponemos a partir de potentes inquietudes sobre la Educación Ambiental y lo Pampa pensar en las múltiples posibilidades de un devenir menor. Con este objetivo, nos disponemos de lecturas de autores potentes para el campo filosófico Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Friedrich Nietzsche, Sílvio Gallo y Ana Godoy. Primero situamos lo pampa y sus límites geográficos, su historia y cultura que constituyen los modos de ser y de vivir, así como también discutimos el campo de saber de la Educación Ambiental al mirar hacia ese territorio. Después de pretender poner en movimiento una menor de las ecologías, inspirada en la obra de Ana Godoy (2008) al mirar hacia la educación ambiental producida en lo Pampa. Tramadas por la potencia de intersección entre Pampa y Educación Ambiental, en los atravesamientos culturales, políticos, éticos y estéticos, un camino que trazamos experimentando paisajes, tal vez otras, o tal vez apenas desapercibidas y desconocidas, mirar a la pampa, a la naturaleza con devires menores, desterritorializando y desplazando. Como un acto político de mirar las cosas más ínfimas, para la historia infame, para ecología menor o para más y más educaciones ambientales posibles en lo pampa gaucho.

Palabras claves: Ecología menor; Educación ambiental; Pampa.

¹ Mestranda do Programa de Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/ FURG; Bolsista CAPES; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: julianaschlee@gmail.com

² Doutora em Educação, professora dos Programas de Pós-graduação em Educação e Ciência e Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande. Líder do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/FURG. Rio Grande, Brasil. E-mail: paula.c.henning@gmail.com

Abstract

In this work, we seek from powerful concerns about the theme of Environmental Education and Pampas to think about the multiple possibilities of a lesser becoming. To this end, we have readings of powerful authors for the philosophical field Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Friedrich Nietzsche, Sílvio Gallo, and Ana Godoy. First, we locate the pampas and its geographical limits, its history and culture that constitute the ways of being and of living, as well as discussing the field of Environmental Education knowledge when looking at this territory. Afterward, we intend to set in motion a minor of the ecologies, inspired by the work of Ana Godoy (2008) when looking at the environmental education produced in the Pampas. Traced by the power of intersection between Pampas and Environmental Education, in cultural, political, ethical and aesthetic crossings, a path that we traced by experiencing landscapes, perhaps others, or perhaps only unnoticed and unknown, to look at the pampas, to nature with minor deviations, deterritorializing and displacing. As a political act of looking at the petty things, for the infamous history, for minor ecology or for more and more environmental educations possible in the pampas gaucho.

Keywords: Ecology; Environmental Education; Pampa.

1. Introdução

Este trabalho nasce a partir de inquietações potentes sobre a temática Educação Ambiental e Pampa. Para isso, pretendemos realizar um exercício filosófico de pensar nos atravessamentos do campo de saber da educação ambiental, ao olharmos para o pampa, para seus habitantes, nas possibilidades múltiplas de um devir menor.

Com o objetivo de potencializar a escrita no entrelaçamento deste tema, nos munimos de leituras de autores potentes para o campo filosófico Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Friedrich Nietzsche, Sílvio Gallo e Ana Godoy. Primeiramente situamos o pampa e seus limites geográficos, sua história e cultura que constituem os modos de ser e de viver, assim como também discutimos o campo de saber da Educação Ambiental ao olhar para esse território. Após pretendemos pôr em movimento uma menor das ecologias, inspirada na obra de Ana Godoy (2008) ao olhar para a educação ambiental produzida no Pampa.

2. Pampa: uma construção histórica e cultural

O território pampeano geograficamente faz parte regiões pastoris nos três países da América do Sul – Brasil (cerca de dois terços do Estado do Rio Grande do Sul), Uruguai e Argentina (SUERTEGARAY; SILVA, 2009). Nesse espaço geográfico, mulheres e homens pampeanos desenvolveram culturas típicas, que demonstram modos de pensar, de sonhar, de agir e de viver.



Figura 1 – Mapa da delimitação do pampa.

Fonte: SUERTEGARAY; SILVA, 2009.

O nome deste território, “Pampa”, foi dado pelos primeiros caminhantes humanos, aproximadamente 10.000 anos (A.P. – antes do presente) que habitavam este território e lugar. Segundo Pereira (2008), na região do Pampa, em seus campos, banhados e várzeas dos rios e lagoas, uma nação viveu por milhares de anos, em uma época em que não existia a população colonizadora nem a fronteira. Seriam grupos de caçadores-pescadores e coletores nômades de paisagens abertas; com a chegada dos colonizadores, seus descendentes passariam a se chamar Minuanos/Guenoas. Conforme Golin (2001) nos séculos XVII, XVIII e XIX, o colonizador de origem europeia converteu o Pampa em sua propriedade, extinguiu o modo de vida dos indígenas, promovendo genocídios, incorporando-os aos trabalhos subalternos. Minuanos foram integrados à população espanhola, à portuguesa e à missioneira após guerras de extermínio e incorporados nas estâncias, contribuindo para a formação do gaúcho (PEREIRA, 2008).

O pampa passa a ser compreendido por nós como um território para além dos limites geográficos, constituído de histórias, de significações, de experiências sociais, culturais, históricas e econômicas. Um território preenchido de pessoas e de paisagens naturais-culturais:

O Pampa, pela sua construção histórica nas representações sociais, é uma paisagem cultural – este há muito no temário da cultura regional, seja na literatura (José Hernández, Jorge Luis Borges, Simões Lopes Neto, Cyro Matins, entre tantos outros) na pintura (Pedro Weingärtner, Iberê Camargo, Plínio Bernhardt), na música (aqui cabem principalmente a milonga de todos os tipos, a chimarrita, o tango, o

chamamé, entre outros ritmos); e ainda nos hábitos, nas expressões cotidianas, na culinária, sendo o chimarrão e o churrasco duas manifestações que são comumente associadas a essa paisagem. Inclusive, até na constituição do olhar baseado na experiência de abertura ao horizonte, que frequentemente é evocado nas representações literárias e até jurídicas/normativas (PANITZ, 2010, p.25).

A partir da citação acima, compreendemos que vamos fabricando e inventando o pampa no cotidiano através da arte, cultura e história. Interessa especialmente ao campo de saber da Educação Ambiental as relações entre natureza e cultura. Quais as possibilidades de pensar a educação ambiental com um devir menor no pampa?

3. Educação Ambiental: possibilidades e desafios

Há possibilidades e desafios de pensar a Educação Ambiental para além dos ensinamentos cotidianos, conduzindo nossas formas de vidas e subjetividades. Para isso, buscamos pensar diferente, pensar, criar outras educações ambientais possíveis (HENNING; MUTZ; VIEIRA, 2018), outras formas de conviver com o planeta, com o lugar onde vivemos, com o pampa. Em um jogo reflexivo constante:

Se abre así, um campo de posibilidades para la educación ambiental, pues lejos de establecer “recetas” provocará un juego reflexivo contante, en el que accionamos el campo filosófico. Las invenciones sólo pueden ser pensadas por aquellos que saben vivir el caos, el barajado, el sin salida. Es en ese lugar, marcado por el carácter experimental de la vida que existe atravesada por la ética y la política, en el deseo de pensar el mundo en que estamos implicados, que las educaciones ambientales menores pasan por el arte de vivir aquello que se nos disipa (HENNING, 2017, p.353).

Passamos a olhar para o Pampa, atravessado por uma educação ambiental menor. E aqui vemos a potência de trazer autores como Ana Godoy (2008) para este artigo. A perspectiva menor trata-se de uma potência de pensamento que abandona as certezas, contestadora do presente e que busca a invenção de desvios e de novas conexões, o que faz com que nos permite olhar para a Educação Ambiental e o Pampa com mais devires e menos verdades. Os estudos de Michel Foucault são impotentes ao questionarmos o que é tomado como legítimo nessa construção e quais são seus efeitos de poder:

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2011, p.12, grifo do autor).

Hora de buscar brechas e fissuras para esse campo tão bem consolidado como um projeto de verdade, potencializando o pensar para além de um discurso de medo e de apelo. Olhar para a possibilidade de criação de educações ambientais possíveis potencializando espaços para resistir ao que está dado, de estranhar as verdades e as certezas (HENNING; MUTZ; VIEIRA, 2018), através de um exercício filosófico, e de “andar por caminhos tortos” como nos fala Nietzsche (2008, p. 65), suspeitar do que nos torna rebanhos.

4. Pôr em movimento um devir menor

A partir do estudo realizado pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari apresentado na obra “Kafka – por uma literatura menor” (2003), conceberam o conceito de literatura menor com o intuito de estudar a obra de Franz Kafka³. As três principais características observadas para que se identifique uma obra como literatura menor são: desterritorialização, ato político e valor coletivo.

A desterritorialização da língua subverte essa realidade de um território físico preenchido por uma cultura e tradição, escapando desta territorialidade forçada, instituída, “a literatura menor faz com que as raízes afluem e flutuem (...) Ela nos remete a buscas, a novos encontros e novas fugas” (GALLO, 2002, p.172). Na literatura menor sua existência é política, o próprio ato de existir é um ato político, um ato revolucionário que marca a segunda característica. A terceira característica da literatura menor é o valor coletivo desta literatura que fala por milhares, que expressa a coletividade, sendo os valores não pertencerem ao escritor na sua individualidade, mas a toda a comunidade. Encontra-se, portanto, carregada de uma função de enunciação coletiva e mesmo revolucionária (GALLO, 2002; DELEUZE e GUATTARI, 2003).

A partir de uma ramificação política sob a educação ambiental torna-se a possibilidade de se circunscrever num nível micropolítico com um devir menor. Um pensamento de resistência ao já estabelecido pela educação ambiental, seu lugar de “salvar a Terra”, mas sim de produzir frestas e ranhuras para criar possibilidades de intervenção, possibilidades contingentes para nosso campo de saber (HENNING, 2017).

Como escreve Foucault (2010, p.105) “lá onde há poder, há resistências” ela não está exterior às relações de poder, elas não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência. Estes pontos são móveis, transitórios, produzem fissuras, percorrem os próprios indivíduos, remodelando-os, em seus corpos e em suas almas, mas não podemos

³ nascido em Praga, escritor judeu-tcheco.

pensar nas resistências como algo que viriam romper, clivar as relações de poder, mas sim como um determinado jogo e correlações de forças (FOUCAULT, 2010). Segundo Foucault são resistências possíveis:

Portanto, não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande Recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder (FOUCAULT, 2010, p.106).

Importante pensar nas resistências possíveis a partir de um pensamento menor, necessárias em resistir ao que está dado como “natural” nas relações humano-natureza no pampa. É preciso ir mais longe, como escreve Ana Godoy (2008) nos propondo uma viagem, uma experimentação, afastando-se de uma referência, da ecologia maior: “pretende-se manter uma relação tensa e intensa entre continente e arquipélago, a ecologia maior e a menor das ecologias, a vida que a ecologia produz e as ecologias que a vida, em seu movimento, inventa” (GODOY, 2008, p.22). A ecologia maior é entendida como um conhecimento sobre a vida, que a limita, que a conserva. Já a menor das ecologias procura a expansão da vida, a criação, aponta em direção à bruma, que somente com um pensamento intempestivo e ativo é capaz de liberar devires, inventando outras maquinações.

Ao olhar para os interstícios da educação ambiental que é tecida no cotidiano do pampa, fomos atrás dessas menores ecologias, sem a pretensão de separar a menor da maior ecologia, de residir no campo das soluções. O intuito foi contrariar o presente, contestar, inventar desvios nas quais outras e novas conexões acontecem. A partir de um diálogo intempestivo entre o pensamento minoritário de Foucault-Nietzsche-Deleuze-Guattari e a educação ambiental, Ana Godoy (2010) nos provoca ao afirmar seu caráter experimental, problematizando a própria moldura.

O ato de criação implica, portanto, que a criação no pensamento ressoe com os processos de criação em nós. Que a abertura no pensamento para as forças no mundo ressoe com a abertura de nossos territórios existenciais. Que a diferença na sensibilidade se encontre com a diferença no pensamento e que a estranheza que experimentamos em nós mesmos como incômodo ou perturbação nos force a pensar, a sentir e a perceber de outro modo; nos force a criar outros modos de existência, novas possibilidades de vida que expressem esse encontro com as forças no mundo escapando ao modelo teórico, político, existencial e institucional em que circulamos. Aí o pensamento está a serviço da vida em sua potência criadora. Aí já não é mais o pensamento que avalia a vida, mas é a vida que avalia o que pensamos, fazemos e dizemos segundo os modos de existência neles envolvidos (GODOY, 2010, p.211).

Outros modos de existência, novas possibilidades de vida, potencializar o pensamento sobre a vida, a vida no pampa, de pensar quem somos, em que mundo habitamos, que mundos

habitam em nós. Pensamos ser importantes, prender o olhar nas coisas infames, menores, sem a pretensão de ser menos, mas sim menor. Dispomos-nos a estar atentas às singularidades vividas, às experiências de vida que criam, que expandem modos de ser e estar pampeanos, e que experienciam educações ambientais no cotidiano.

5. Considerações

Tramadas pela potência de intersecção entre Pampa e Educação Ambiental, nos atravessamentos culturais, políticos, éticos e estéticos, um caminho que traçamos experimentando paisagens, mirar para o pampa, para a natureza com devires menores, como um ato político de olhar para as coisas ínfimas, para mais e mais educações ambientais possíveis no pampa gaúcho.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka, para uma literatura menor*. Editora Assírio & Alvim. Lisboa: 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. *Educação & Realidade*, v. 27, n. 2, p.169-178, jul/dez. 2002.

GODOY, A. *A menor das ecologias*. São Paulo: Editora da USP, 2008.

_____. Nietzsche-Foucault-Deleuze-Guattari: a EA e a potência do pensamento minoritário, um diálogo intempestivo. In: CALLONI, H.; CORRÊA DA SILVA, P.R.G. *Contribuições à Educação Ambiental*. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2010.

GOLIN, T. *O povo do pampa: uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para adolescentes e outras idades*. Passo Fundo: UPF, 2.ed., 2001.

HENNING, P.C. Límites y Posibilidades de la Educación Ambiental. *Bajo Palabra*. 11Época, n.º 17, 2017, p.341-358.

HENNING, P. C.; MUTZ, A.S.C.; VIEIRA, V.T. *Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente*. Curitiba: Editora Appris, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre: LP&M, 2008. 192p.

PANITZ, Lucas Manassi. *Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS, 2010.

PEREIRA, C.C. *Minuanos/Guenoas: os cerritos da bacia da Lagoa Mirim e as origens de uma nação pampiana*. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG, 2008.

SUERTEGARAY. M.A. & SILVA, L.A. PIRES DA. Tchê Pampa: histórias da natureza gaúcha. *Campos Sulinos – conservação e uso sustentável da biodiversidade*. Valério de PattaPillar...(et al.)Editores – Brasília: MMA, p. 42-59, 2009. Disponível em: file:///D:/Users/User/Downloads/campos%20sulinos_completo.pdf Acesso em: 05 de setembro de 2016.